

NOS@EUROPE

O Desafio da Recuperação Económica e Financeira

Prova de Texto

AntiCrise

Escola Secundária de Rio Tinto

António Miguel Guimarães Luís

João Miguel Lima Sequeira

Sara Alexandra Silva Cabanas

Sara Inês Pinto Magalhães

Dezembro de 2011

1 A crise trocada por miúdos – texto expositivo

Sabes o que significa a palavra “crise”? Sabias que apesar da conotação negativa que este substantivo tem num contexto económico, ele nem sempre representa algo mau mas, sim um tempo de mudança? Provavelmente estás admirado neste momento, mas isso também não é o mais importante. O que importa agora é perceber o que nos trouxe até aqui e o modo como ela afecta o nosso dia-a-dia e a economia em geral.

Para compreendermos a crise, vamos recuar no tempo... Vivemos num mundo capitalista naturalmente marcado por crises periódicas, tanto estruturais e sistemáticas, como conjunturais e cíclicas. Prova disso mesmo foi a Grande Crise de 1929, iniciada nos EUA e rapidamente espalhada por todo o mundo.

Como já estudaste em História, sabes que após a Primeira Guerra Mundial se entrou num período de euforia em que as pessoas viviam a loucura do consumismo. A publicidade e a produção massiva criaram nas pessoas a ilusão de que a felicidade vinha do “ter”.

A partir desse momento e até aos dias de hoje, deixámos de comprar de acordo com as nossas necessidades reais e passámo-lo a fazer consoante aquelas que nos são provocadas. A procura de lucros cada vez maiores e a falta de ética nos negócios aliada à falta de regulação por parte do Estado levaram os grupos económicos a facilitarem o crédito, tendo as pessoas acesso ao dinheiro “barato”. Esta facilidade e o desejo de uma vida melhor levaram as famílias a assumirem responsabilidades financeiras que, num contexto de crise e desemprego, não lhes seria possível suportar, resultando no incumprimento geral. Em situações extremas, as famílias viram-se obrigadas a entregar os seus bens aos bancos. No entanto, isto não lhes interessa, porque o seu negócio passa pela transacção de dinheiro e não pela venda de casas. Achas que os bancos são agências imobiliárias?! Não! Apenas estão interessadas em cobrar a dívida em falta.

A situação foi-se agravando, à medida que as grandes empresas, mais uma vez, na procura de lucros fáceis, se deslocalizaram para os países em desenvolvimento, agora

conhecidos como países emergentes do Oriente e da América Latina, onde a mão-de-obra é mais barata e a legislação mais flexível, foram-se destruindo postos de trabalho e asfixiando as famílias. O sistema ruiu: as famílias, principal agente financiador dos bancos, deixaram de ter dinheiro para cumprir as suas obrigações, os bancos por sua vez deixaram de ter dinheiro para investir na economia e as empresas sem financiamento acabaram por fechar.

Num ciclo vicioso em que a crise gera crise, a sua propagação deu-se como uma peste, devido à forte interdependência dos mercados a nível global. O castelo de cartas que constituía a economia mundial, na falta de uma das suas cartas de base, desabou e os países que viveram durante muitos anos num despesismo constante e se desenvolveram à custa do crédito, e não da produção nacional, sofreram as principais quedas.

De um modo geral, qualquer crise sacode as estruturas dos sistemas em diferentes dimensões, é normal que assim seja, a realidade a que estávamos habituados e com a qual convivíamos sofre profundas alterações.

Hoje a recessão é uma realidade quer no nosso país quer no resto da Europa, como muito provavelmente tu sentes dentro da tua própria casa. A falta de liquidez das famílias, trocado por miúdos, falta de dinheiro, e a dificuldade de atrair investimento e gerar riqueza, agravada pela quebra do ritmo de compras, conduzem a economia a uma inevitável redução da taxa de crescimento. A riqueza gerada é menor comparando-a com os momentos anteriores. Na verdade, a necessidade de controlar as contas públicas, reduzir a despesa, resulta na sucessiva implementação de planos de austeridade que privilegiam medidas que implicam cortes de rendimento, através da redução dos salários e do aumento de impostos, além das reduções das deduções fiscais. As pessoas deixam de ter tanta capacidade para comprar aquilo que constituía o seu cabaz de compras, isto é, perdem poder de compra. Além disto, estes planos dificultam a vida dos trabalhadores que deixam de ter tanta facilidade em pagar o que devem, sobretudo despesas relacionadas com os prémios de seguros, a escola dos filhos ou mesmo despesas com saúde.

Segundo previsões da OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico), as famílias portuguesas serão as que mais vão cortar no consumo em 2012, estando-se já a verificar uma redução das despesas nos bens alimentares, bem

exemplificadora da alteração de costumes, e quase que imposta por uma força exterior bem presente, mas que resulta da ausência de dinheiro. Por isso já sabes, os produtos frescos a que estavas habituado foram, assim, substituídos por enlatados e congelados e o bife de vaca que tanto gostas dá lugar a salsichas importadas!

Outro dado revelador do impacto da crise no nosso país é a diminuição da procura, tanto interna como externa, das unidades hoteleiras na zona Norte, agora agravada com a implementação de portagens nas SCUT, que tornam pouco atractivas as zonas frequentadas por inúmeros espanhóis que faziam das nossas zonas comerciais os seus bazares favoritos. Sem essa afluência de estrangeiros e com os portugueses a gastarem cada vez menos, as lojas e empresas de comércio são forçadas a fechar portas e a aumentarem o número de desempregados. Ao que outrora se chamaria de sovinice, damos agora o nome de poupança forçada, mais pela força dos tempos do que pela força da convicção, que até aqui era praticamente inexistente. Mesmo com menos dinheiro, os portugueses estão a poupar mais porque perceberam que neste momento podem precisar dele para outras situações de sufoco para o que a baixa confiança na recuperação contribuiu para isso mesmo.

A somar a isto tudo, os bancos deixaram de emprestar tão facilmente dinheiro e o seu principal cliente, o estado, viu-se obrigado a reduzir o investimento na economia. As obras de requalificação das escolas a começar este ano ficaram no papel e assim todas as empresas envolvidas no projecto, desde a que fabrica os tijolos, até à que fornece as cadeiras, passando pela empresa de construção, reduzem o seu negócio e deixam de ter condições para sobreviverem no mercado.

Indirectamente a crise também causa revolta pois a população, anteriormente iludida por falsas promessas de uma vida confortável e estável, viu-se numa situação de desespero ao ver os seus sonhos cair por terra. Se para uns isto motivou um espírito de luta nas ruas, para outros é o ponto de partida para a procura de uma vida melhor no estrangeiro.

Não sei se reparaste mas, à medida que avançamos o texto torna-se mais complexo, como o tem de que estamos a falar. Apesar dos esforços para o simplificar nem sempre o conseguimos, mas se formos a ver também não é fácil definir as causas e as consequências da crise tal como não é simples apontar soluções...

2 Referências

3 Declaração de compromisso de honra

Os membros da equipa *AntiCrise* declaram que este é um trabalho original e inédito, desenvolvido por eles com o fim de participarem na Prova de Texto do Concurso NOS@EUROPE.